

RELACAM
DA VIAGEM, E SVCESSO
QUE TEVE A NAO CAPITANIA
Nossa Senhora do Bom Despacho.

*De que era Capitaõ Francisco de Mello,
vindo da India no anno de 1630.*

ESCRITA PELO PADRE
Fr. NVNODA CONCEIÇAM,
Da Terceyra Ordem de Saõ Francisco.



L I S B O A.

Na Officina de PEDRO CRASBEECK
Anno de 1631.

RELAÇÃO
DA VIAGEM, E SUCESSO
QUE TEVE A NAO CAPITANIA
Nossa Senhora do Bom Despacho.
De que era Capitão Francisco de Melles,
 vindo da India no anno de 1630.
ESCRITA PELO PADRE
FRANCISCO DA CONCEIÇÃO,
Da mesma Ordem de São Francisco.



L I S B O A .

Na Officina de PEDRO CRASBECK
Anno de 1631.

LICENÇAS DA ORDEM.

OS Reverendos Padres Mestres Fr. Thomàs da Veyga, & Frey Francisco de Payva revejão esta Relação, & achando estar capas para se poder imprimir, com a sua informação tornarã. Lisboa 13. de Novembro de 1631.

Fr. Manoel de Santo Antonio

Ministro Provincial.

Approvação do Padre M. Fr. Thomàs da Veyga Padre da Provincia.

REvi por mãado do nosso muyto Reverendo Padre Provincial Frey Manoel de Santo Antonio, esta Relação, & roteiro da viagem, que fez à India Oriental a Nao nossa Senhora do Bom Despacho, no anno de 1629. ordenada pelo muyto

Religioso Padre Fr. Nuno da Conceyção
de nossa Ordem, & sobre não ter cousa al-
gũa que encontre nossa Santa Fè, ou bons,
costumes: se mostra o Autor nella muy cu-
rioso, & zeloso do bem commum, pretendẽ-
do com este seu trabalho (a que assistio co-
mo Capellaõ) dar exemplo a todos os que o
forem, & animar aos fracos, a que traba-
lhando com a confiança de Deos, em os ma-
yores apertos: & cooperando com elle, fa-
zendo a q̃ lhes for possível, não atalhem os
favores, & misericordias divinas, com de-
sesperações, não desconfiãças anticipadas,
& indiscretas, pôdo os olhos nos manifestos
perigos, & desacustumados trabalhos, em
que se vio esta Nao, com todos os que nella
vinhaõ, os quaes todos, & cada hum, cla-
mando a Deos cõ os corações aflagidos: &
trabalhando com as mãos, & corpos não se
poupando em nada: chegando a este deseja-
do porto de Lisboa, fõra de toda a esperan-

ça humana, aonde podem com verdade, com
cantar, e dizer a Deos Nosso Senhor:
Per ignem, & aqua eduxisti nos in re-
frigerium Ulyssipone in nostro Con-
vento de N S. de J E S U 12. de No-
vembro de 1631.

*O Padre Mestre Fr. Thomàs da Veiga
Padre da Provincia.*

Approvaçãõ do Padre Mestre Frey
Francisco de Payva, Diffini-
dor da Provincia.

VI por mandado do nosso muyto Reveren-
do Padre Fr. Manoel de Santo Antonio
Ministro Provincial, esta Relaçãõ, que fez o
muyto Religioso Padre Frey Nuno da Concey-
çãõ da nossa Ordem: não tem coufa contra a Fé,
nem bons costumes: antes a liçãõ della, não só
causará alegria, & contentamento a qualquer
pessoa, que a ler, senão tambem será de muyta
utilidade, em proveyto a todos os que andarem
sobre as aguas do mar, pois aqui acharão exem-

plo para soffrerem quaesquer adversidades, que navegando se lhes offerecerem havendo que cõ a confiança firmemente posta em Deos, & com a esperança em os trabalhos, se vencem os maiores que nesta perigosa jornada pòdem acontecer: quando ao improbo trabalho senaõ perdoa, trabalhando, nem o animo do homem (nos mayores perigos animado) deyx a firme Anchora da esperança, que he a que distingue aos filhos da Igreja dos desesperados, & reprobos: *Juxta illud, nisi Dominus reliquisset nobis semen spei, quasi Sodoma fuisset.* Por onde sou de parecer, que ao sobredito Padre se conceda a licença, que pede para tirar a luz esta sua navegação, & trabalho, que a qualquer sugeryto piamente affecto, dará animo, & esperança, & gosto. Em Lisboa, em o nosso Convento de nossa Senhora de Jesu, em 14. de Novembro de 1631.

*O Padre Mestre Fr. Franciſco de Payva,
Deſſinidor da Provincia.*

Vistas as approvações dos Reverendos Padres Mestres, dou licença para se poder imprimir. Lisboa no Convento de N. Senhora de JESUS 14. de Novembro de 1631.

Fr. Manoel de S. Antonio, Ministro Provincial.

LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do Padre Mestre Frey
Thomàs de Saõ Domingos da
Ordem dos Prègadores.

Vl esta Relaçãõ, nõ tem impedimento algũ
a se poder divulgar, antes servirà de avi-
so aos que emprendem esta perigosa navegaçãõ
da India, & se lhe pòde dar a licença que pede, ho-
je 29. de Outubro de 1631.

Fr. Thomàs de S. Domingos Magister.

Vl esta Relaçãõ, & nõ tem cousa alguma
que encontre nossas Regras, para se po-
der imprimir. Em S. Domingos de Lisboa, em
2. de Novembro de 1631.

Fr. Ayres Correa Magister, & Revedor.

Vistas as informaçõens pode-se imprimir
esta Relaçãõ, & depois de impressa tor-
narà a este Concelho conferida com o original
para

para se dar licença para correr, & sem ella não
correrá. Lisboa 4. de Novembro de 1631.

*Gaspar Pereyra. Dom João da Sylva.
D. Miguel de Castro. Francisco Barreto.*

Dou licença para se poder imprimir esta
Relação. Em Lisboa 8. de Novembro de
1631.

João Bezerra Jacome Chantre de Lisboa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do
Santo Officio, & Ordinario, & não cor-
rerá sem tornar á mesa para se taixar. Em Lisboa
12. de Novembro de 1631.

Barreto. Salazar.

Esta Relação está conforme com o original.
Lisboa 28. de Novembro de 1631.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

R E L A Ç A Õ

Do que passou a gente da Nao Nossa Senhora do Bom Despacho, na viagem da India, o anno de 1630.



Considerando as muytas naos, que se perderaõ varãdo em terra com a occasiã de fazerem agua (sendo bastante motivo para defaistrados naufragios) com que tantas, & tão extraordinarias perdas de gente, fazendas, & artelharia, tem recebido este Reyno acharẽ-se os passageyros com cinco, seis, oyto, & nove palmos de agua, cujo trabalho foy causa de se desesperar do remedio, abrindo-se a porta a outros muytos mayores, com que todos acabãrão a vida; me pareceo serviço de nosso Senhor, & conveniente ao bem publico escrever esta Relação do que passou na viagem da India a gente da Nao Capitania N. Senhora do Bom Despacho. Para que sirva no futuro de exemplo, & de se esperar com confiança nas misericordias de nosso Senhor, em semelhantes trabalhos, quando de nossa parte se acode a elle (como nesta Nao se fez) com grande christandade, & se não

perde o animo, & acudimos á nossa obrigaçãõ com valor, & pouco medo dos perigos. Em elle espero servirã fazerem-se notorias as razoens, porque esta nao se salvou de muytas, que se vi-rem em apertos por castigo de peccados se livrarem de naufragios, & fazerem felice viage, & Deos me he testemunha, que não deyxarey de fallar verdade por affeyçãõ de pessoas, nem por encarecer o que se padeceo, & cumprirey com a obrigaçãõ de meu habito, pois só o que me move he o bem publico, & tambem do que escrevo ha as testemunhas vivas. E no tempo em que as cousas acontecêraõ não pôde aver erro, porque me vali do livro do Piloto Luis Alvares Mocarra, no qual a si por curiosidade, como por obrigaçãõ se escreve, o que passa todos os dias.

Partimos da barra de Lisboa a tres de Abril de 1629. annos, em companhia do Conde de Linhares, que aquelle anno foy por Viso-Rey da India, & Capitaõ Mõr Francisco de Mello de Castro das Naos de viagem, que foraõ tres. Hiaõ mais seis galeões para servirem na India, os quaes por ordem de Sua Magestade aprestou no porto de Lisboa, o Marquez de Castrolodrigo, & as Naos, o Conde de Castel novo Presi-

dente

dente da companhia por cuja conta se aprestárao. E por ser anno de Viso-Rey fazia o Capitão Mòr officio de Almirante: o Viso-Rey hia na Nao Sacramento, o Capitão Mòr na Nao Nossa Senhora do Bom Despacho, & da Nao S. Gonçalo Capitão Antonio Pinheyro de Sampaio, que faleceo na viagem à ida. Os Capitães dos galeões foraõ do galeão Santo Antonio Luis Martins de Sousa, do galeão S. Francisco, Pedro Rodriguez Botelho, do galeão Santiago Francisco de Sousa de Castro, do galeão S. Bertholameu Andrè Velho, do galeão S. Esteuaõ Vicente Leytaõ de Quadros, do galeão Conceyçaõ Andrè de Vasconcellos de Menezes.

A seis do dito mez se notificou o regimento de Sua Magestade aos Capitães, Pilotos, & Meftres; pelo qual mandava, que se não apartassem até a barra de Goá.

Aos dezasete amanhecemos sem a Nao Saõ Gonçalo, & perguntando Francisco de Mello ao Piloto Luis Alvares a que rumo nos poderia ficar, respondeo, que a Loesnoroeite, & fazendo-se naquella volta, a descobrimos, & recolhemos.

Aos 16. do mesmo Abril entramos nas trovoadas de Guinë.

Aos 8. de Mayo nos entrãrão os geraes.

A 12. do mesmo mez passamos a linha.

Dobramos os Abrolhos aos 27. levando já em toda a Armada muytos doentes, & morrendo algũs, que depois vierão a fer muytos, assim nas Naos, como galeões, tirando a Nao Nossa Senhora do Bom Despacho, aonde não morrerão mais que algũs negros, & dous, ou tres homens brancos: o que se attribuhio á muyta limpeza, que nella havia, porque tinha o Capitão Mòr ordenado a dous soldados praticos, que cõ lanternas buscassẽ todas as somanas duas vezes os ranchos, & aonde achavão immundicia obrigavão a gente do rancho a limpala, & tiravalhe a reçaõ daquelle dia.

E tambem foy grande soccorro muytos carneyros, que levou, que mandava se repartissem pelos doentes (de que se me deu cuydado) não sendo de menos effeyto as diligencias, que os Padres da Companhia fazião acudindo a muytos soldados, & grumetes deseparados dos quaes sempre a porta da sua camara estava impedida, & com todos partião sua matalotagem largamente. Hiaõ nesta Nao com o Capitão Mòr em ametade dos seus galsalhados de popa dezanove Padres, & por Superior o Reverendo

Padre Sebastião Vieyra Religioso de muytas partes, & tinha servido a Deos, & trabalhado na salvação das almas no Reyno do Japão, para onde tornava, & foraõ aqui de muita importancia, como o saõ em todas as Naos, que levão Padres da Companhia.

Ao primeyro de Junho vimos a Ilha da Assumpção, hũa das que chamaõ de Martim Vaz, & pelo mesmo rumo nos amanhecco muyto a gilavento o galeaõ S. Francisco, de que era Capitão Pero Rodriguez Botelho: chegando a elle lhe perguntamos, o que tinha, dissenos que não velejava por ir concertando o goroupez, que lhe quebrára aquella noyte.

Aos 20. de Junho vimos o galeaõ S. Bartholomeu de que era Capitão Andre Velho pela popa da Armada quatro, ou cinco legoas, & chegando a elle trazia o mastro traquete quebrado: lançou-se por ordem do Capitão Mòr o batel fóra, & acudiraõ-lhe com os officiaes que havia, & o concertaraõ.

Aos 27. do mesmo Junho abriu o galeão Santo Estevão muyta agua, & assim a foy fazendo atè altura de 35. graos. E em seis de Julho arribou a Angola, levando alèm da gente do galeaõ muyta outra q para soccorro lhe foy das outras

Naos, do qual galeão senão soube mais. Entende-se, que não puderaõ vencer a agoa, & se foraõ a pique, que foy hũa grande perda pela gente que levava, artelharia, & dinheyro do cabedal del Rey.

Aos nove de Julho ao romper da manhã vimos da Nao Almirante por nossa popa quatro Naos, que julgamos serem de Olandezes; fizemos os finais do regimento, & o Vito-Rey virou a ellas com toda a Armada, de que só tinhamos menos o galeão São Estevão. Era o vëto Sueste contrario a nossa viagẽ, & favoravel para seguir os inimigos. Estariamos do cabo de boa Esperança sessenta, ou setenta legoas, ganhamos lhe o balra vento, & as fomos entrando conhecendo-se notõria ventajem. A Nao Almirante se adiantou muyto das mais, porque Francisco de Mello de Castro se lembrou de mandar meter monetas, & içar de gavea. E mandou ao Mestre Manoel Ribeyro Magrisso fizesse lestes a tolda, & conves, o que o dito Mestre fez com muyta diligencia, chamandõ a elle, & ao Piloto, prometendo a cada hũ a escolha das melhores peças, que levava de prata, se aquella tarde abordassem com a Capitania dos inimigos, & elles lho prometeraõ, & se confessou, & a mais gente

te da Nao com muyta alegria, & estando nós já perto da Nao Capitania, & contando-lhe as peças tirou a Capitania do Viso-Rey huma peça, & virou em outra volta, com toda a Armada: A razão disto dizem, que foy vir a hũa vista o galção, Santo Antonio; & querelo recolher, & tambem devia ser quebrarem as escotas da gawea grande da Nao do Viso-Rey, & poder velejar menos. E Francisco de Mello não virou, porque lhe pareceo, que o Viso-Rey não veria a tenção, que levava de abordar, & o estado a que reduzira os inimigos. E deyxando-se ir em seguimento das Naos, mandou disparar hũa peça, & dahi a pouco outra indo a nossa Armada já longe fazendo com isto final, que abordava a Nao Capitania, com a qual se achava muyto empenhado. E o Viso-Rey respondeo com outras duas mandando-o recolher. As quaes logo voltamos, & voltáraõ tambem os inimigos sobre nós, vendo-nos desacompanhados: dos quaes nos sahimos por ser a nossa Nao melhor de vel-la, & aquella noyte mudáraõ o rumo, & nunca mais os vimos. Na India soubemos, que não erãõ Olandezes, senãõ Inglezes; porq̃ todas as quatro Naos chegarãõ a salvamento a Surrate.

100 Deste encontro em que parece ambas as partes

res fizeraõ o que deviaõ hũ em não querer perder a occasiã de pelejar, & o outro em não arriscar hũa Nao da India em parte aonde a locorria tarde, tomou o Demonio occasiã para os fazer lospeytosos (sendo dantes amigos) & o Viso-Rey formou culpas a Francisco de Mello, pelas quaes, & por outras de que o informãraõ havendo que o deyxãra de soccorrer com amarras correndo as Naos tempestade na barra de Moçambique, & que tambem sem ordem se apartãra da Armada indo daquelle porto para a India o prendeo no tronco chegando a Goa, & do processo, que a justiça formou consta a muyta culpa, que teve quem deo ao Viso-Rey não verdadeyra informaçã, por quanto se sentenciou, que o Capitaõ Mòr cumprira inteiramente cõ o que devia a sua obrigaçã.

A 16. de Julho dobramos o cabo de boa Esperança, & porque aos 21. faleceo o Piloto do Viso-Rey Aleyxo da Mota mandou pedir ao Capitaõ Mòr o sotapiloto Antonio Pereyra, que logo lhe mandou, & porque o Viso-Rey fiava muyto do Piloto Luis Alvares, queria que todos os dias viessemos á falla para conferir o Sol, que tomava cõ o que se tomava na sna Nao.

E aos dous de Agosto nos deo huma terribel

man-

manga, & já que chegamos a este passo, quero declarar o que isto he para os curiosos, que não virão, porque muytos homẽs, que se embarcã- rão muytas vezes não tiverão occasião de a ve- rem. Não he esta manga daquellas, que parece tomão agua do mar, que nesta viagem da India se vem muytas vezes; mas he de muy diferente natureza; porque não decem do ar, senão levan- ta-se no mar hũa onda como aquellas, que fa- zem junto das prayas, & vay correndo para hũa parte trazendo consigo furioso vento em redi- moinhos, de maneyra que trata muy mal qual- quer embarcação, que encontra, & a Nao que a vê ao mar longe vir para onde ella está amaina as vellas com muita brevidade.

Isto não pudemos nós fazer na occasião, que digo da manga, que vimos, & com passar de mo- do, que muyta parte della tocou na nossa Almi- ranta, & no galeão Santo Antonio, & em outro galeão, que hia com nosco á fala, quebrou o ma- stareo grande ao galeão Santo Antonio, & o ma- stareo tambem grãde a Almiranta, & ao galeão S. Bartholomeu esteve soçobrado, & da nossa Almiranta lhe vimos a quilha, & o que mais he de espantar foy, que indo as vellas dadas não quebrou o mastareo da Almiranta para diante,

senão que troceou, & ficou quebrado em pedaços dentro na gavia.

Os curiosos podem praticar a Filosofia deste segredo, & dar muytas graças a Deos se o entenderem: foy isto na terra do Natal em paragem de trinta & tres graos, & na Almiranta se fez logo outro mastareo dando ordem a isto o Mestre Manoel Ribeyro, que para estas cousas he diligentissimo.

E vendo o Capitão Mòr; que no galeão Santo Antonio se não tratava de mastareo havendo já sete, ou oytos dias; que o não trazia, & que por sua causa vinhamos amainados, & o Viso-Rey se enfadava de maneyra, que começava a velejar, mandou deitar o batel fóra com o Mestre Manoel Ribeyro, & dezaseis marinheyros, & cinco carpinteiros, & entrando todos no galeão Santo Antonio foy admiravel a prestesa com q̃ lhe botarão acima o mastareo, & lhe fizerão gavia, que tambem lhe tinha quebrado, & assim veyo seguindo a Armada: de que o Viso-Rey se mostrou muy satisfeyto.

Aos dezasete de Agosto vimos a Ilha de São Lourenço, & desta paragem disse o Piloto Luis Alvarez escrevera ao Viso-Rey a derrota, que havião de levar para que não fossimos cair sobre

bre alagem de Mogincale, com a qual derrota parece senão conformou o Piloto do Viso-Rey; de que se queyxa o dito Luis Alvarez até que fomos ao lugar que se temia, & surgimos muy perto da dita lagem, estando com grande perigo a Capitania, & Almiranta nesta paragem se apartou de nós o galeão Santiago, de que não foubemos mais.

Daqui fazendonos na volta do mar, que era o que o Piloto Luis Alvarez sempre disse fomos em dous dias a Moçambique aonde estivemos furtos dez dias, o Viso-Rey esteve em terra visitando a fortaleza, & dando ordem a tudo o que convinha, que devia ser conforme ao que Sua Magestade lhe ordenava, & o Capirão Mòr assistio no mar.

A tres de Setembro partimos de Moçambique desconfiando já os Pilotos de passarmos à India por ser tarde.

E a quinze do mesmo vimos a Ilha do Comoro toda a Armada em conserva, meños os dous galeões, que tenho dito, & com mais seis pataxos de Moçambique, que levavão pao preto, ouro, & marfim, & em altura de quatro graos & meyo da banda do Sul. A vinte de Setembro indo a nossa Almiranta a gilavento da

Nao do Conde Vifo-Rey, em distancia de tres, ou quatro legoas, amanhecemos sem ella por quanto os officiaes da Nao Sacramento tomá-raõ as vellas, & mudáraõ o rumo de noyte, & devia ser sem ordem do Vifo-Rey, porque não he possivel não quizesse guardar conserva, & assim o costumaõ as Naos, que mudaõ rumos em fazer final, querendo-se apartar, & bem se mostra, que os officiaes tiverão a culpa, & não o Vifo-Rey, pois a dão ao Capitão Mòr, & officiaes da Nao Capitania, & mais embarcações, que se derrotáraõ (o que elle não fizera se disto o advertirão.) E perguntando-se ás embarcações, que achavamos pela Nao do Conde Vifo-Rey; todos disserão hia pela proa, com o que velejamos, & nunca mais a vimos. E porque o Capitão Mòr não tinha ordem do Vifo-Rey por escrito, nem por recado de huma junta, que diziaõ fizera de Pilotos, em que o Vifo-Rey por ser tarde dissera, que não havia de esperar por nenhũa Nao: confórme ao regimento de sua Magestade chamou a conselho, & resolveo-se, que fossem demandar a barra de Goa com muito resguardo, na fórma do regimento, & assim se fez chegando de noite a Bardes, & amanhecendo entre os Reys Magos, & nossa Senhora do

do Cabo (terra que o Piloto sempre disse levava pela proa. Alli mandou passar a bandeyra ao mastro grande, & por estarmos em calma se disparou hũa peça, ao que acudirão algũas fustas da Armada, que andava fóra, & derão reboque á Nao, & em breve espaço se foy cubrindo o mar de embarçaõens, alegrando-se muyto aquelle Estado, com as novas que lhe demos de Viso-Rey, & do soccorro de galeões, gente, & dinheyro.

Dahi a oito dias chegou o Viso-Rey tendo já chegado a Nao S. Gonçalo, & o galeão Santo Antonio, & hum pataxo de Moçambique. Mandou o Viso-Rey prender algũas pessoas a titulo de se apartarem delle, & o principal, & primeyro, que prendeo o Ouvidor Geral Luis Margulhaõ Borges: foy o Capitão Mõr Francisco de Mello. Esta he a Relação abreviada da viagem para a India. Resta darmos conta da torna viagem, que foy o intento com que a escrevemos. E posto que se diz vulgarmente, que he alivio contar trabalhos passados, estes foraõ de qualidade, que a memoria os aborrece pelo temor com que os representa. Seja nosso Senhor muyto louvado, que permittio, que os contassemos em Lisboa, & que chegasse a ella

hũa Nao, que tantas causas teve de se perder. Partimos de Goa a quatro de Março da era de 1630. a Nao nossa Senhora do Bom Despacho Capitania muy carregada, & avolumada inclinada à parte de bom bordo. O contramestre Manoel Cacho se disculpava, & os guardas, dizendo, que não puderaõ defender o fato, & fardos de canella, que de dia, & de noyte se metiaõ por todas as partes da Nao. E quanto a ir pendente á parte de bombordo dizia o contramestre, o fizera de industria, porque daquella parte havia de ir a Nao aberta depois o mais do tempo; (chama-se o ir aberta ir amurada) & outras razões, que parecião de receber. O Capitão Mòr se queyxava, que não tivera tempo para assistir ao concerto; & carga das Naos pela dilatada prisaõ em que estivera, & que lhe não aproveytára lembrar o miseravel estado, em q̃ o obrigaraõ a se embarcar, que pedira a Nao nova Sacramento apresentando huma provilaõ del Rey para escolher Nao, & que lha não guardarão. O Mestre, & Piloto tambem diziaõ, que com a prisaõ em que o Vilo Rey os tivera estiveraõ impedidos para acudir à Nao, & que a companhia a sobrecarregara com arròz, & vendera curvas, que senão costumãõ vender; antes

El Rey

El Rey as dava a soldados, que se vinhaõ despacharia este Reyno, & naõ vinhaõ com fazendas pezadas (disculpas, que naõ remediavaõ o mal presente.) Veyo o Conde Viso-Rey a bordo da Nao Capitania, & entregou as vias ao Capitão Mòr, & mandou, que desamarrasse, & sem embargo de que o Mestre Manoel Ribeyro lhe disse que aquella Nao naõ estava para partir, tornou o Viso-Rey a mandar que o fizesse, & passando pelas outras Naos deu a mesma ordem.

Desamarramos como tenho dito a quatro de Março: Passamos a equinocial a vinte hũ do mesmo. Aos de foyto do mez de Abril em altura de dezafete graos foy a primeyra tromenta, que tivemos: sendo assim, que dizia o Piloto, nunca alli a ouvera, senão ventos geraes.

Estavamos tanto avante como os bayxos dos grajaos, era de noyte, virou a Capitania na volta de Leste em papafigos com a vella de gavela grande dada, a respeyto de estar muy perto do bayxo, & temia dar nelle por haver já muytos sinaes em esta sangradura abrio a Nao cinco palmos de agua.

Aos oyto de Mayo em altura de 28. graos nos rendeo o gorcupes pelo papa mosca, & lhe gorniraõ hum aparelho a que chamaõ cabresto
dey-

deytando-lhe hūas someas. Neste dia algũs officiaes requererão ao Capitão Mòr arribasse a Moçambique.

Aos 23 do mesmo Mayo em altura de trinta & hum graos nos abriu a Nao Capitania nove palmos de agua, com grande tromenta do Sudueste, & grande mar de proa, com que alojamos ao mar muyta fazenda. Arrombaraõ-se os payoes da pimenta, & se entupirão as bombas, & com se alojar sempre da parte de bombordo, não se endireytou a Nao, antes veyo sempre como partio de Goa. Mandou o Capitão Mòr algũs officiaes a ver a Nao, & disserão que fazia agua por muytas partes, & que lhes parecia arribassem a Moçambique, & que quanto mais cedo melhor seria. A isto respondeo o Capitão Mòr em publico, que lhe parecia bem o que diziaõ, mas que estavamos perto do cabo, & em conjunção de lua, que deviaõ esperar o effeyto della, & se o tempo entrasse em nosso favor dobrariamos a cabo, & se fosse contra nõs arribariamos em popa, & todos se conformarão com este parecer.

Aos vinte & quatro do mez de Mayo mandou o Capitão Mòr à Nao S. Gonçalo, que deitasse o batel fóra, & nelle pedir a ambas as Naos
pastas

pastas de chumbo, estopares, & candeas, porque ja na Capitania tinhamos disto o que traziamos gastado. E sendo este provimento taõ necessario, & de taõ pouco custo atè isto nos faltou, & dellas lhe mandarão o que puderaõ.

Aos doze de Junho em altura de trinta & cinco graos correndo a costa do cabo de boa Esperança nos sobreveio de noite hũ grande temporal de noroeste, ou esnoroeste, com que a Nao Capitania abriu vinte & dous palmos de agua, & amanhecendo o dia de Santo Antonio com todas as Naos à vista não pudemos fallar com nenhuma pelo tempo ler muyto, & julgando já que não havia remedio fomos buscar a terra para encalhar, alojando por todas as partes, de dia, & de noyte, trabalhando a ambos cabrestantes, com seis gamotes, & ambas as bombas, que já tinhamos lestes, & com tudo isto a Nao se nos hia apique ao fundo, foy Deos servido, que amanhecesse, porque se o dia tardara mais meya hora a Nao se perdia em hũ bayxo sobre o qual esteve, o qual distaria hũa legoa de terra. Lançavamos fóra cada vinte & quatro horas feyta a conta pelos gamotes, mais de quatro mil pipas de agua corriamos com hũ traquete a meyo mastro, & amanhecemos a quatorze do mesmo

C

mez

mez, sem algũa das Naos da nossa companhia. A razão porque se apartáraõ deyxando-nos em tanto perigo devia ser urgente; pois o contrario fora huma inhumanidade, que senão podia esperar de nação Portugueza mòrmente, que a Nao Sacramento nos tinha grande obrigação, por quanto ella foy causa das miserias que padecemos. Quebroulhe o mastareo, & com esta falta velejava pouco, & o Capitão Mòr por mais que a gente desejava, que a deyxasse, nunca o consentio, & veyo amainando esperando por ella muytos dias, sem os officiaes o concertarem, mandando-o o Capitão Mòr diversas vezes, & sem este impedimento dobramos, & faltaraõ as tempestades, que com a demora nos alcançaraõ. Nesta Nao Sactamento tinhamos nosso remedio para que a gente se salvasse no ultimo tranze, pelo que foy este para todos hum triste dia. O Capitão Mòr nos consolou, & animou muyto á sua custa, porque nunca o viraõ dormir assistindo de dia, & de noyte, hora em hum, hora em outro cabrestante, & pondo o peyto à barra como qualquer grumete, o mais que fazia para descansar era deytarse em cima de hũa taboa no convez, ou sobre hum cayxaõ na tolda junto ao cabrestante, & foy mercè de

Deos,

buscaria bahia em que a Nao encalhasse, ou se remediasse: foy assim, que amanhecemos muyto perto com a terra, & ainda com a mesma tormenta fomos correndo a ribeyra sem achar bahia, & nisto estava o nosso remedio, que se entravamos em a bahia segundo a gente estava turbada do estado em que se via sem duvida varára a Nao.

A 17. de Junho se assentou fossomos correndo a costa para o cabo de boa Esperança, que assim convinha para algum remedio de salvar as vidas, & que crescendo a agua mais encalhariamos a Nao, & iriamos demandar por terra a aguada do Saldanha aonde todos os annos vão Naos de Olandezes, ainda que inimigos era esperança de remedio: está esta aguada trinta legoas do cabo, & nella a mãos de Cafres succedeo a morte do grande Dom Francisco de Almeyda Viso-Rcy da India.

Aos 24. de Junho dia de São João estando dez legoas do cabo de boa Esperança de noyte nos sobreveyo hum rijo temporal. Virou a Nao na volta de terra com dezoyto palmos de agua: foy o Piloto buscar huma bahia, que estava da parte de leste do cabo das agulhas distante cinco legoas.

Alli tomamos a agua, & calafetamos tudo o que se pode descobrir: andamos dentro desta bahia, ou enseada dous dias, & posto que muyta gente pedia ao Capitão Mòr, que mandasse furgir com a Nao, o não quiz fazer, & do mesmo parecer forão o Mestre, & o Piloto, os quaes differaõ, que nunca Nao surgira naquellas parages, que tornasse a sair dellas.

Cinco soldados da India vinhão nesta Capitania, nos quaes ainda senão fallou, porque nos occupamos em muytas coulas, & não porque não mereção fazerse delles muyta memoria. Era hum delles Jorge da Sylva, que com muyta diligencia trãbalhou sempre andando muytas vezes de noite, & de dia ao cabrestante descalço, porque a agua era muyta no convez, que por cima das entenas lançava o mar grandes golpes de agua, & pelas dalas das bombas, as quaes havião mister cõcertadas muyto amuido. As cubertas se apartaõ tanto dos trinquanis, que a agua que pelas dalas se despedia tornava a cair dentro na Nao, & as bombas andavão taõ gastadas, que todos os dias, ou os mais delles se concertavão, & suspendiaõ, ou tiravaõ de todo. Jorge da Sylva trabalhava como tenhõ dito, & assistia à alojação com muyto cuydado

conforme as ordens do Capitão Mòr, & o mesmo trabalho, & cuidado tinha outro dos cinco a que chamavão Manoel de Sá. Outro era Manoel Pereyra de S. Miguel, dos quaes todos faziaõ muyta conta pela diligencia com que acudiaõ: O outro era Christovão Paes, que com a mesma diligencia de dia, & de noyte acudia, acompanhando-os tambem João Rodrigues da Cunha, que não com menos diligencia, & cuidado trabalhou sempre.

Aos 26. do mesmo Junho tornamos a partir desta enseada, levando a proa no cabo de boa Esperança.

E aos 29. dia de S. Pedro nos deu huma tormenta com tanto impeto, que andando nõs junto ao cabo nos fez arribar na volta de terra tornando a Nao a fazer vinte & dous palmos de agua. Chegando junto a ella abrandou o vento; & o que ventava era pela proa. Assim andamos quatro, ou cinco dias atè que Deos foy servido que o vento foy mais largo, & viemos correndo a costa atè o cabo falso, & muyto perto delle passamos com vento de servir. Fomos correndo como digo esta costa atè o cabo de boa Esperança aonde estivemos em calmaria defronte delle como duas legoas de terra, & pelo ponto do Piloto

loto Luis Alvares diz que tornou arribar tendo-o já passado, & nos meteo outra vez da banda de dentro estando já dez, ou doze legoas da parte de fóra: foy este temporal a prima noyte, & trazia a Nao vinte palmos de agua, & foy crescendo de maneyra, que indo abayxo muytos officiaes correndo as camaras, contarão que se hia ao fundo a Nao naquella volta, & querendo virar em outra requeria o Mestre, que o não fizessem, porque havia de quebrar o mastro grande, & que esperassem que saisse a Lua para ver se aplacava a tormenta. Ella era tal, que poucos se lembravão de outra semelhante. A isto disse o Capitão Mòr, que pois naquella volta não tinhamo remedio virassem na outra, & assim se ouve de fazer. Permitta nosso Senhor, q̄ nunca homens Christãos, & principalmente Portuguezes se veção outra vez nas agonias, & afflições, em que nos vimos. Ao virar da Nao deu tres balanços com que poz as gaveas no mar: o mastro grande esteve de todo quebrado, & tanto por milagre escapou, que quando depois neste porto de Lisboa o quizerão tirar se fez em dous pedaços, levounos as vellas, quebraraõ-se as escotas, & não ficou homem do mar dos bons digo, que os outros estavão escondidos, que aquella
noy-

noyte não ficasse ferido, ou de cabos que lhe derão, ou de patelcas, que cahiraõ, ou de leme, que os arremeçava com grandes pancadas. Acharaõ-se nove marinheyros naquella noyte escondidos, & querendo depois o Capitão Mòr enforçar dous delles para exemplo dos mais, tal foy o segredo, que ouve entre a mesena gente, que nunca por diligencias que fez pode saber quaes eraõ, mas nem isso lhes aproveytara se o tempo não fora taõ apertado. Puzerão hũ crucifixo grande atado ao mastro da mesena, & cõ lagrimas, & suspiros ao outro dia a gente de joelhos lhe pedio misericordia: tiraraõ-se grandes esmolas, & fizeraõ-se grãdes promessas: as bombas já não se buliaõ, & só se trabalhava com seis gamotes a ambos os cabrestãtes. Descubrimos huma bahia junto ao mesmo cabo das agulhas cousta de huma legoa, terã de boca tres á parte de leste, & dentro em fórma de meya lua occupava espaço de cinco, seis legoas, tem 19. 20. 30. braças de fundo, & nella estivemos em calma sem nunca surgir.

Por não fazer esta Relação muyto dilatada, não digo pelo miudo quantas vezes o Capitão Mòr foy requerido, que largasse a Nao, & desse lugar a que a gente se salvasse em terra, h ora
por

por officiaes da mesma Nao, hora por Religio-
fos, que nella vinhão, aos quaes a gente pedia
lhe trouxesse recados, & destes algũs se escusa-
vão dizendo, que semelhantes recados não eraõ
para o Capitão Mòr, de que posso ser testemu-
nha: porque se me derão muytas vezes, & me
escusey pela razão que digo, por conhecer a na-
tureza do Capitão Mòr.

Tambem o Padre Mathias de Sousa da Cõ-
panhia de JESU, era importunado com os mes-
mos recados, & se escufava, & muytas vezes hia
de noite com o Mestre a ver a agua que fazia a
Nao pelas camaras, & porão; em o que havia de
perigo tambem guardava segredo, & acudia aos
necessitados com boa vontade com o que tra-
zia, & hum companheyro seu, com grande cuy-
dado acudia aos cabrestantes, & trabalhava nel-
les como os mais.

Já neste tempo se tinha perdido a agua doce
do porão, que foy grande perda, & com a que
algũs homẽs trazião nas camaras se remediava
a gente a qual era muyto pouca; poeque na In-
dia senão deu gente para defender a Nao, & af-
fim só trazia a da obrigação della, & no contar
da gente para repartir os quartos costumava di-
zer o Capitão Mòr (pondo a mão no peyto,)

aqui estão cincoenta homens. E isto dizia por graça, mas eu o escrevo de fizo, porque tínhamos nelle mais dos que dizia.

Vinha tambem na Nao hum Religioso de nosso Padre São Francisco chamado Frey Estevão do Espirito Santo de grande exemplo, que nos foy de muyta importancia trabalhando por sua pessoa, & animando a gente com suas prêgações, & soccorrendo os que trabalhavão com matalotagem de huma irmãa sua que vinha na mesma Nao, & tinha seu marido na Corte, & trazia comfigo hũa dona viuva de muyta qualidade, & outra tambem viuva, pessoa muyto honrada, estas, & outras, que mais vinhaõ na Nao casadas, era grande lastima ouvilas, porque com muytas lagrimas dizião muytas magoas, & tinhão causa, tanto pelo estado da Nao, como porque os marinheyros, que vinhaõ ao governo na bitacola tratavão do muyto perigo em que estavamos, o que ellas tudo ouviaõ por virem nos gafalhados de popa. E como havia muytos dias, que se não acendia fogo pelos grandes balanços, que a Nao dava, & porque todos an lavão ocupados com a alojação, & gamotes. Estas senhoras tinhão cuydado de acudir aos enfermos com amendoadas, & doces, & dan-

dando o tempo lugar mandavão ao fogão, & acudiaõ atè ao Capitão Mòr, que senão lembrava de si, & todo o mais tempo que lhes sobejava gastavão em fazer estopa com as mais mulheres que vinhaõ na Nao dos cabos, que o Mestre para isso lhes dava, com a qual reparavão os calafates muitas aguas por cima, & na verdade se isto não fora nos hiamos a pique, porque cada dia abria a Nao muytas aguas por diferentes partes, & ainda as mesmas, que se tinham tomado tornavão a deitar outra vez a estopa fóra; tanto que a Nao jugava, por vir toda desconjuntada, & tanto o estava, que não podendo dar toda a estopa, que era necessaria remediavão os calafates esta falta com tiras de beyrames, & meadas de algodão. Estavão tão abertas as culturas da Nao, que em muy pequeno espaço levava a Nao meyo beyrame, & em partes duas meadas de fiado de algodão, & neste estado em que nos viamos fazia tambem o Demonio seus lanços; porque entre algũs officiaes havia odios, & hum delles pedio muytas vezes ao Capitão Mòr mandasse prover o seu apito em outrem, porque se sentia doente o que lhe não quiz conceder atè que neste tempo disse, que queria tratar de sua alma, & o entregou, & tudo pedia o

aperto. O Capitão Mòr o proveo em Estevão Rodriguez guardaõ, que tinha servido nestes trabalhos com grande cuidado, & os sofria com bom animo, como quem se achára em muytas occasiões principalmente com Nuno Alvares Botelho nas pelejas, que teve em Jasques, com inimigos de Europa, de que o dito Estevão Rodriguez teve muytas feridas, & posto que o official que digo entregou naquelle tempo o apito não deixou de acudir sempre ao cabrestante, & servio como qualquer dos outros, & o Capitão Mòr o chamava aos conselhos por ser homem de muyta experiencia, & depois do trabalho passado, o tornou a admittir ao seu cargo.

As vezes que arribamos do cabo de boa Esperança foraõ mais que as que tenho dito, & por não cansar, quem isto ler não escrevo muytas circumstancias, que passarão, quatro, ou cinco conjunções de Lua nova, & cheas, que tivemos no cabo de boa Esperança, & todas esperou, & a mais da gente confessada por serem terribes as tormentas com que vinha, & todas por proa.

Na bahia em que entramos, como tenho dito se calafetou a Nao tomando a agua por dẽtro, & por fóra com homẽs embalçados. E vencendo a agua por toda aquella costa se matava muy-

muyto peyxe muyto bom, que foy grande refresco para a gente, a qual andava já quasi cega da fortidaõ da pimenta, & principalmente grumetes; foy Deos servido que não houvesse perigos, nem trabalhos, que a gente desta Nao não tivesse, & passasse, & foy de grande confusaõ, & espanto, estando a prima noite, o Capitão Mòr com o Mestre, & eu em sua companhia junto ao cabrestante do conves dando aos gamotes veyo hū pagem da Nao pela escutilha de proa, que era por onde se serviaõ com a alojaçaõ, chorando, & dando gritos, & dizia, fogo na Nao, fogo na Nao.

Nova foy esta que de todo quebrou o coraçãõ a todos, deyxáraõ os cabrestantes acodio o Capitão Mòr, com cuja authoridade se deteve a gente, dizendo elle, que o fogo não podia ser muyto pois estava a gente toda a cordada, & ainda então se sentira, & virando-se para o Mestre lhe disse. Mestre ide abayxo, & acudi àquelle fogo: em este estado deu o contramestre ao apito, & disse, agua abayxo. Acudio a gente como a necessidade requeria, mas tam perturbada, que cuydando muytos levavaõ agua se achárão com barris de carne, & de peyxe: & outros acudiaõ ao batel, & outros di-

zião, que o fumo era já tanto embaixo, que se não podia esperar. E certo que em hũa occasiã destas se representa o dia do juizo. Em este interim subio o Capitão Mòr pelo cabrestante acima, & subio à xareta aonde a mais gente da Nao estava junta, requerendo ao Piloto, que virasse na volta de terra, & a começavão a marear, quando o Capitão Mòr disse em voz alta, boa viagem, duas vezes, & acabando elle de dizer estas palavras o tomãraõ todos com grande alvoroço nos braços dando o perigo por acabado, levantando-o no ar, como a opositor na Universidade de Coimbra, dizendo-lhe que só elle era o que dava alivio a todos em tantos trabalhos, & assim se quieterou toda a gente acudindo cada hum á sua obrigação. E ainda depois disto chegou recado do Mestre ao Capitão Mòr, que o fogo era já de todo apagado. Não como aqui a razaõ que houve por onde o fogo só ascendeo na Nao por não cançar a quem o ler, & não he de espantar aconteece este desastre havendo em todas as cubertas candeas, & buscando-se com ellas de continuo a agua.

Nas bahias em que entravamos era muyto para ver o modo de pescar de mangas de veludo, que são passaros muyto alvos, & fermo-

fos com as pontas das azas pretas, os quaes se levantavaõ em bandos, & de alto se deyxavaõ cahir no mar, penetrando as ondas como setas, & assim tomavaõ o peyxe, & ver isto pudera divertir a quem tivera cuydados de menos peso.

A 6. de Julho deyxamos esta bahia, & chamando todos pela Virgem Nossa Senhora do Cabo, & pelas Chagas de Christo, & prometendo se grandes esmolas foy Deos servido, que passassemos o cabo de boa Esperança a dez de Julho, & a onze do mesmo lhe demos a boa viagem. Abraçaraõ-se hũs aos outros com lagrimas, dando muytas graças a Deos por tamanha merce. Abrio o Capitão Mòr o regimento de Sua Magestade, estando presentes os officiaes da Nao, & o escrivão, & posto que nelle mandava senão tomasse terra, & sendo disso forçados, fosse à Ilha de Santa Elena, se assentou por todos arribassemos a Angola, & que seria merce de Deos se a pudessemos tomar pelo estado da Nao, & pela pouca agua doce q̃ trazia (porque como já disse toda a que vinha no porão se perdeu) de que se fez termo que todos affinaraõ.

A 12. de Julho nos deu huma tromenta de noyte de vento Sul, em altura de trinta & dous graos, & com ser em poupa tomou a Nao deza

nove palmos de agua, & mayor perigo foy, que a madeyra das pipas arrombadas correo as escotilhas, & não puderaõ laborar os gamotes. A agua que crescia com os grandes balanços da Nao corria com tanta furia de hũ a outro bordo, que era cousa temerosa de ver, & ouvir o rugido, que trazia. Deitaraõ-se pelas escotilhas muitos homẽs, embalçados, & com piques pregavão a madeyra ao passar de huma para outra parte, & de mão em mão a passavão com tanta diligencia, que tornárão os gamotes a fazer seu officio, & assim fomos sustentando a agua atè o cabo negro, passando primeyro pela agua de Saldanha defronte da qual vimos hum Ilheo da feyção de palheyro do campo de Santarem. O Piloto Luis Alvarez, em todos estes trabalhos não deyxou a sua cadeira por chuvas, nem frios, que naquella regiaõ eraõ extraordinarios; o Mestre Manoel Ribeyro acudia não só ás cousas de seu officio, mas a tudo o que lhe parecia necessario: o sotapiloto Antonio Pereyra, posto que não falley ainda nelle, bem merece muyto louvor, porque não só no que estava obrigado acudia, senão aos gamotes assistia sempre dando ordem, & trabalhando continuamente, & foy muyto de notar a pouca gente, que morreo
nesta

nesta Nao, pela muyta caridade das pessoas, que nella vinhaõ, & cuidado aos Religiosos, tres do nosso Padre Saõ Francisco, & dous da Companhia.

O estado em que esta tormenta deyxou a Nao foy miseravel como logo direy, & entre a muyta fazenda que se botou ao mar foy muyta quantidade de canella, & com ser boa parte do Capitão Mòr da que lhe ficou repartio alguns fardos a grumetes pobres, & só a hum homem, que perdeu toda a que trazia, deu doze quintaes. E posto que sey que não fez isto para que se dissesse me pareceo justo que se escrevesse.

Tanto que chegamos ao cabo negro como tenho dito começamos a vencer a agua por ser o mar muy brando mas não de maneira que nos descuydassemos dos gamotes. Esta ultima tormenta nos levou a vèlla grande, & cevadeyra, & porque vou abreviando não conto por extenso a muytas vezes, que reformamos as vèllas feytas em pedaços: ficamos só com o traquete sem escotas, que para as passar ficãrão feridos dez, ou doze marinheyros os melhores, que a Nao trazia, & assim foraõ servindo as amuras por escotas. Ao tempo que o vento levou a vèlla grande ficãrão nas relingas de huma, & outra

parte cinco, ou seis panos, & pelo meyo passava o vëto ao traquete de proa, & assim foy muytos dias governando a Nao, & com grande magoa se via o lastimoso estrago, que o tempo nella tinha feyto, & a dezaseis do mesmo Julho em altura de vinte & cinco graos metemos a vëlla grande, que atè esta paragem a não pudemos meter; porque traziamos toda a gente occupada com os gamotes.

Aos dezasete do mesmo nos arreventáraõ as estagas, & veyo a vëlla grande abayxo, que se nos afigurou que cahira o Ceo sobre o mar, sem que mataste, ou ferisse pessão algũa havendo tido o dia dantes em si quarenta homens ao meter da vëlla, & costumando a estar sempre gente assentada, ou encostada no prepao: foy cousa que se teve por milagre, quebrou a verga em tres pedaços, & do mayor recorrendo-se os peões fizemos hũa verga pequena, que servio para hum traquete, & assim fomos a Angola, aonde chegamos a cinco de Agosto da era de 1630.

Avisou logo o Capitão Mòr ao Governador, que então era Fernão de Sousa, o qual foy á Nao com muytos Pilotos, & outros, officiaes, & muyta gente para os gamotes. E tomando-se o parecer de todos assentáraõ, que se descarregasse

gasse a Nao, & se lhe dessem pendores, & de tudo se fizeraõ autos, porèm despois de descarregada não bastàraõ os pendores; porque abriu de novo pela quilha huma grande agua, com a qual a mais da gente era de parecer que não cõvinha arriscala outra vez a fazer viagem, porèm á instancia do Capitão Mór se lhe deu querena sendo o Piloto do mesmo parecer, & outros posto que poucos. Depois da Nao descarregada esteve no porto muytas vezes quasi perdida principalmente na querena, porque por vir por muytas partes aberta pelos altos tomava muyta agua.

Antes de dar querena mandou o Capitão Mór armar huma tenda na praya do Penedo da Cruz, que distará da Cidade de Loanda meya legoa, lugar que a gente da terra tem por muyto doentio aonde esteve em quanto a Nao deu querena, & dalli mandava muytas pessoas todos os dias á Cidade pelo que faltava conforme aos avisos que tinha do Mestre, que estava na Nao, & dava ordem ao amaçar de galagala, & ao cozer do bren, que sem estas diligencias fora impossivel tornar a Nao a este Reyno, & eu sou testemunha, porque o acompanhey das onças, & grande quantidade de lobos, que de noyte vi-

nhaõ ter com nosco.

Era isto sendo já Governador Dom Manoel Pereyra Coutinho, & ainda no tempo de Fernão de Sousa descarregamos a Nao, & a fazenda se meteo nos Almazens de Sua Magestade, dando o mesmo Fernão de Sousa ordem a que a roupa, q̄ vinha molhada da agua salgada se repartisse pelos moradores para a mandarẽ lavar, porẽm ella em grande cantidade vinha em estado, q̄ com todos estes beneficios teve pouca melhoria, & não só nisto mostrou Fernão de Sousa muyta diligencia, & zelo do serviço de S. Magestade; porq̄ havendo de vir para este Reyno, temendo a gente embarcar-se na Nao pelo estado em que estava, elle quiz vir nella, tendo hum navio muyto bom, & com artelharia, que por ordem de Sua Magestade lhe fora fretado deste Reyno, em o qual foy o novo Governador Dom Manoel Pereyra, que acabou huma cousa tamanha como foy a querena, concerto, & carga desta Nao, de que ao Governador Dom Manoel Pereyra, se deve muyto louvor.

O dia que a Nao mostrou aquilha, se achou presente a principal gente da Cidade, & todos se admiravão da grande maquina de huma Nao da India, & com muyta razão por serem estas

as mayores embarcações, que navegaõ o mar, porèm como a Nao estava aberta por tâtas partes, assim do muyto que tinha trabalhado como do Sol de Angola, que he terrivel, o dia que meteo a bordadura na agua, & mostrou a quilha esteve perdida; porque a gente que trabalhava com o calhao no poraõ ouvindo dar hum grande estalo de madeyra, que com o peso da Nao arrebentou, & ouvindo tambẽ dizer vaife a Nao ao fundo, deyxando o que faziaõ todos, comẽçarão a subir pelas escadas, & o Mestre Manoel Ribeyro se atravessou diante delles pedindolhe não desemparassem a Nao del Rey: mas tal foy a furia da gente que o derrubarão, & tratarão muyto mal por querer sustentar o peso da gente. Meteo-se o Capitaõ Mòr em huma canoa, embarcaõ de hum só pao, a qual era de hum negro pescador, mas só cabia nella o negro, que a remava com hum remo, & elle chegando á Nao se meteo dentro nella animando a gente a que continuasse com o trabalho, & assim o fizeram. Entrou a poz o Capitaõ Mòr o Sindicante Fernão de Mattos, que he grande servidor del Rey, & Dom Manoel Pereyra, neto do Governador, & com isto se segurou a gente, & se deu a primeyra querena naquellas partes, & permiti-

ta nosso Senhor seja a derradeyra, & que a ellas não chegue outra Nao em tal estado. Despois de começar a tomar carga esteve algũas vezes com muyto perigo pelas trovoadas, que ha naquelle tempo, & naquelle porto, principalmente hũa noyte que sobreveyo hũa trovoada muyto rija, & que dnrou mais que as outras: achou-se a Nao com pouca gente por andar em terra occupada em muytas cousas, mas achouse dentro nella o Capitão Mòr, que antes que a Nao endereitasse da querena se foy para ella, & a não deyxou atè estar de vergadalto, foy tal a trovoada, que digo, que não havia remedio para passar huma candea de popa a proa, & só se pode sustentar dentro de huma quarta, que servia de agua. O guardiaõ Esteuaõ Rodriguez fazia o officio de contramestre, estava sempre na Nao, & trabalhou muyto aquella noyte com os poucos marinheyros, que comfigo tinha. Tinha a Nao ao Mar duas amarras, & a que estava da parte da Ilha, portando muyto por ella arrebentou, & veyo caindo para a parte de pouco fundo, & chegou a estar em quatro braças, & alguns marinheyros affirmavão que nelle tinha posta já a quilha, & parecendo ao Capitão Mòr, que não podia isto ser pela Nao estar só em lastro a mandou

dou alar ao cabrestante para mais fundo, & disparar duas peças; que ouvindo-se em terra julgáram serem do navio em que fora o Governador Dom Manoel Pereyra, & assim acudirão a tempo, que já a gente da Nao a tinha fóra de perigo. Deytouse outra anchora no batel, que a largou da parte do mar, & alando-se ao cabrestante ficou a Nao em doze braças onde tomou a carga.

E antes que diga da partida deste porto para o Reyno me veyo á memoria que no tempo de nossos trabalhos, antes de dobrarmos o cabo de boa Esperança andava a gente neste tempo tão certa de que a Nao havia de varar por não haver outro remedio, que se ajuntavão em magotes, & não se fallava em outra cousa, & do que se tratava era avisado o Capitão Mòr, porque o ouvia passando de noyte ás escuras pelas partes aonde mais nisto fallava, & muytos homens do mar vinhaõ já ao leme, & á cadeyra com armas, & se aparelhavão para no ultimo trance morrerem sobre o batel, ou defendendo algum pao em que lhes parecia poderiaõ salvar a vida, & com isto ser assim he muyto para considerar o animo de verdadeyros Portuguezes, que estandoa Nao muytas vezes nas enseadas, & ba-
hias

hias que hia a buscar para remedio, & saindo dellas na volta do mar aonde tanta gente cuidava que tinha a morte certa não houve pessoa, que contra o Capitão Mòr diffesse palavra que pareceffe principio de motim. Antes queyxiando-se nisto publicamente diziaõ morramostodos já que o Capitão Mòr assim o quer. E não menos animo mostráraõ nas occasiões que tivemos das Naos, que encontramos vindo de Angola para este Reyno.

Partimos do porto de Loanda a cinco de Abril da era de 1631. aonde começou outra vez a Nao a abrir agua de maneyra, que de dia, & de noyte se veyo com as bombas na mão atè este porto de Lisboa.

Vio o Piloto a Ilha da Assumpção a 26. de Abril, passamos a linha a sete de Mayo. Na altura das Ilhas encontramos sete vellas, & outros dias diversas vezes outras: não posso deyxar de encarecer o grande animo da gente da Nao, eu não vi outra mais aparelhada para pelejar, nem soldados, que com mais alegre rosto acudissem aos lugares, que lhe estavão repartidos, mas foy mercè de Deos não pelejar em alguma destas occasiões, & passarem por nossas Naos pacificas, porque a juizo dos officiaes melhor entendidos

só com o jugar da artelharia se fora a Nao ao fundo, em tal estado vinha, & ainda depois de partir de Angola foy necessario cortarlhe por dentro muyta madeyra para se lhe tomarem as aguas que de novo abrio. E sobre tudo conhecemos a particular assistencia, com que nosso Senhor nos defendia como foy que pela grande continuação, que as bombas tinham em deytar a agua fóra, cada dia se concertavão tres, & quatro vezes, & se suspendião tambem muytas vezes, & com o Mestre trazer grande quantidade de tachas para concerto dellas vierão a faltar a meya viagem, & alèm disto nos quebrãrão os ferros das bombas, & não tinhamos já outros de que nos pudessemos valer. Permittio Deos nosso Senhor, que nesta Nao viesse hum homem sarralheyro chamado Domingos Dias Cativo, obrigado á Nao: o qual foy de tanta importancia, como nós o experimentamos nesta jornada, porque sem falta se elle não fora ainda em Angola correra muyto risco o concerto desta Nao, he homem de muyta habilidade, elle arrimou dentro na Nao hũa forja em huma tina chea de terra, & calhao, & tambem lhe poz alguns pilouros ao redor para que assim lhe ficasse mais segura. O soles fez de hum couro

das bombas, & os canos de huns que tirou de frascos de mosquetes, a bigorna foy huma peça de artelharia, o martelo da enxò de hum tanoeyro, & as tanazes de arcos de ferro das pipas, & desta maneyra fez muyta quantidade de tachas, & remediou os ferros das bombas, & já outra vez armou outra forja na Ilha de Santa Elena quando alli descarregou a Nao Conceyção no anno de 1625.

Quiz nosso Senhor tomarnos tanto á sua conta como tenho dito, porque o dia que chegamos a Cascaes nos differaõ os Pilotos da barra, que havia muy pouco que dalli se tinha ido huma esquadra de dezafete Naos de Turcos, as quaes o tempo do mar deytou em Galiza, & sem duvida passáraõ por nós sem haverem vista da Nao pelas grandes nevoas de que o mar amanhacia cuberto todos os dias. Naõ sendo menos milagre haver ventos do mar em Julho naquella paragem. E porque em tudo se mostrasse quanto Deos fazia pela salvação desta Nao o dia que vimos as berlengas mandou o Piloto Luis Alvares virar na volta do mar por não perder balravento da barra por o vento ser escasso aos que vinhamos por muyta altura, & a gente desejava de terra, começou a murmurar, & enfadar-se

de

de a tornar a perder de vista, & se vieramos por diante aquelle dia se entendemos acharemos as dezasete Naos que tenho dito.

Aos tres dias de Julho surgimos em Cascaes: ao outro dia seguinte entramos pelo rio de Lisboa, aonde meteraõ muyta gente para dar às bombas, & se descarregou com brevidade. Depois de descarregada fez a gente della huma petição a Sua Magestade, pedindo lhe que por seus officiaes da Ribeyra mandasse ver aquella Nao para que depois se diffinisse aos requerimentos dos homês que nella vieraõ conforme ao serviço que fizerão a Sua Magestade em a trazer a este porto de Lisboa. Os officiaes, que a virão se espantáraõ jurando que nunca outra Nao chegára àquelle porto tão destroçada, & que em suas consciencias entendiaõ que se de Angola para este Reyno tivera algũa tromenta se fora ao fundo a pique, & se fez disto hum auto em que todos assinaõ no qual declaráraõ com meudesa os muytos liames, curvas, contracurvas, pès de carneyros, cordas, contracordas, & entremichas, & dormentes, que todos acháraõ quebradas, & assim se enviou a Sua Magestade de cuja grandeza todos esperão a remuneração de seus trabalhos.

LOUVADO SEJA O SAN-
tissimo Sacramento, & a Immaculada
Conceyção da Virgem Senhora nossa
concebida sem peccado original.

Vale iterumque vale.





TRASLADO

DO TERMO, QUE OS SENHORES Governadores mandaraõ fazer aos officiaes da Ribeyra, vistoria da Nao nossa Senhora do Bom Despacho.

EM cinco de Setembro de mil & seiscentos & trinta & hum: sendo presente o Provedor dos Almazens, & Armadas Vasco Fernandes Cesar, foy vista a Nao nossa Senhora do Bõ Despacho, que veyo da ribada a esta Cidade, em tres de Julho passado pelo Patrão Mõr: Mestres da Ribeyra, & contramestres de carpintaria, & calafeto, & pelos mais Mestres, & officiaes da carreyra da India, abayxo afinados, & correndoa com candeas muy particularmente desde o porão atè os castellos, & todas as cubertas: se achou, que no porão da banda de bom

banda destibordo tinha quebrado trinta & quatro braços, & astias, & as bonecas do porão rebentadas, com as cubertas, que se levantáráo para cima quebrando, & abrindo todas as carreyras das entre mixas, curvas de convès, & de revès, feytas em pedaços, dando de si as cavilhas, quebrando-se muytas dellas pelo meyo, abrindo-se os dromentes em todas as cubertas, & entre michas de segunda, & terceyra cuberta fizerão o mesmo com as do porão, & as carreiras dos vãos, que tem entre cubertas desmentiraõ do costado todas as curvas, com que se fortificaõ, & as cavilhas das curvas quebradas todas as cordas de todas as cubertas desmentidas pelos malhetes, & alquebrada a Nao de maneyra, que julgaõ todos por milagre o chegar a este porto a salvamento, & que lhes parece, queda viagem de Angola para este porto, se tiverão algũa tormenta por pequena que fosse, ou algũa occasião de peleja, com que a artilharia disparasse, se abriera a Nao, & fora ao fundo, & nenhum delles se lembra, que com tanto dano chegasse Nao alguma a este Reyno, de que tudo se fez este termo, em que todos assinnáraõ comigo dentro na dita Nao no dito dia, Antonio Prêgo Velho, Valentim Temudo, Bastião

tiaõ Fernandez , Bartholomeu Alvarez , Antonio Luis, Manoel Ribeyro Magrillo , Joaõ Fernandez, Amador Luis , Mathias Figueyra, Antonio Fernandez, Estevão Rodriguez, Luis Fernandez, Luis Alvarez Moreyra.

L A U S D E O.



Francisco de Paula, Bartolomeu Alvarez, Antonio
 Luis, Manoel Ribeiro, Miguel, João Per-
 nambuco, Amador Luis, Mathias Figueira, An-
 tonio, Amador Estevão Rodrigues, Luis Per-
 nambuco, Luis Alvarez Moreira.

L A U S D E O.

